

Rio em shamas

Anderson
França,
Dinho



Copyright © 2016 by Anderson França

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Projeto gráfico
Cleber Rafael de Campos

Capa
Dudu Rocha

Preparação
André Marinho

Revisão
Thaís Totino Richter
Clara Diament

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

França, Anderson
Rio em shamas / Anderson França, Dinho; prefácio de
Marcelo Rubens Paiva e Sílvia Feola; posfácio de Rafael
Dragaud — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Objetiva, 2016.

ISBN 978-85-470-0021-9

1. Crônicas brasileiras i. Título.

16-07081

CDD-869.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira

869.8

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 — Sala 3001

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.objetiva.com.br

SUMÁRIO

7	Prefácio		
11	Filho da Deise	64	Síntese
14	Mirabel	65	Laranjada
18	Uber	68	Jorge e o cu
21	Tina Turner	73	Crise
27	Cadeg	76	SAC
30	Deus	80	Local
33	Leblon em shamas	81	Local 2
37	Antigo 52	85	Nova Holanda
40	Nunca antes na história deste país	88	1998
44	Da rua Cirne ao NorteShopping	90	Lobo do homem
48	Inversão	93	Lei
52	Chronicles of a loser	96	Olympe
55	Aqueles 20 centavos	99	Paulistoca
58	Santa Cruz	100	Perdeu em Cristo
62	RGPB	102	Débito ou crédito?
		105	Páprica educadora
		107	Bife
		109	Lapa
		113	Agradecimentos
		115	Posfácio

PREFÁCIO

Aqui nestas páginas temos Machado, Lima Barreto, Oswald, Guimarães Rosa. Aqui tem Madureira, Zonas Norte e Oeste do Rio de Janeiro, Leblon e até São Paulo, a cidade perfeita, já que não precisamos correr atrás dos ônibus.

Dinho é a voz da favela, da Vila Aliança, do morro, da faculdade, do Brasil, da ironia diante da sociedade dos desiguais. Dá voz ao desempregado, ao recalcado, ao retirante.

O conflito central do livro está sempre na desigualdade social e no modo como ela pesa na vida daqueles que nascem pobres e, no limite, na vida de todos aqueles que vivem em sociedade.

Como filho de migrante nordestino, demorou para se apoderar da cidade: as linhas de ônibus do subúrbio são escassas e demoram a passar. Como ele mesmo diz, você precisa de tempo para se locomover entre bairros quando mora na periferia — uma realidade ao mesmo tempo tão óbvia e tão distante da nossa vida de classe média. Na verdade, tudo o que o livro traz, com muito bom humor, mostra que existe um enorme fosso que separa a classe média da realidade da maior parte dos brasileiros.

O texto de abertura do livro, “Filho da Deise”, revela a mãe que tenta incutir no filho bons valores a partir de um recurso pedagógico a essa figura misteriosa, que ele não conhecia e tanto temia quanto admirava. Transbordando humor, Dinho imagina quem seria o filho da Deise, um cara mítico, o limite ético e moral da vida, que pintava a unha e restaurava o AI-5, um cara “megadescolado” que não morava no Facebook, mas na Bélgica.

Assim, seu relato começa a partir de duas “decepções”: ele não era o filho da Deise, e também era diferente por ser gordo. Ele, como personagem central das suas histórias, lembra que

sofria bullying desde 1987, que podia ser negro, asiático, índio, paraplégico, mas a única coisa que o identificava no bairro de Cavalcante era ser gordo. Como todo gordo, passa a ser visto como um ser excêntrico.

Não tem jeito, o bom autor é o fodido da turma, é o discriminado, o problemático. Tem que ser mau aluno, aquele que, quando a professora cobra, diz que Deus o ajudará. Tem que conhecer a lagoa Rodrigo de Freitas aos 23 anos. Tem que caminhar do Leblon a Ipanema e se achar o mais excluído do universo. Lembrar-se de uma paixão de origem rica, cuja família faliu. Confidenciar que esse lance de suruba e casa de swing, que ele adora, proliferou também na periferia:

“Quando você vê *De olhos bem fechados*, do Kubrick, cê imagina que suruba é num castelo, gente rica, blah. Cê pensa que mulher que topa um a 3 ou a 4 é uma mulher toda elaborada e cheia das complexidades, tatuagens e mestrados na PUC. Que nada.

Meu amigo, a roda girou, Lula alavancou esse país e hoje todo mundo tem cartão de crédito e uma conta em site de casais.”

Dinho, fumante de Derby vermelho, cruza o caminho da gente crente, bandida, marginal, inventa expressões, uma nova sintaxe, junta palavras, usa uma nova forma de narrar, surpreende pela inteligência e sensibilidade. Neste livro, ele resume o novo Brasil. Relata a vida do migrante, que só vai do trabalho pra casa, da casa pro trabalho. Há anos, publica seus textos nas redes sociais, mas eles precisavam ser selecionados, enfileirados e eternizados num livro. “O subúrbio perdeu o recato, parceiro. Tamo no mundo novo.”

Como ativista, é um inovador. Foi porteiro, entregador de quentinhas, vendedor de revistas e camisetas, trancou duas faculdades, direito e música, e criou a genial Dharma ACC, agência de publicidade e comunicação na Maré, em 2011. Coordenou projetos dedicados ao desenvolvimento socioeconômico das comunidades em que circula, tanto no subúrbio carioca quanto nas favelas da Zona Norte.

Fez roteiros para a Globo e a Conspiração Filmes. Viveu em Madureira, Piedade, Cascadura, Cavalcanti, Praça Seca, Abolição, Encantado, Méier, Ilha do Governador, Vila Aliança.

Inventou a genial Universidade da Correria (UC ou Uni-Corre), focada na criação de novos empreendedores, gratuita. Ela foi feita para que moradores das favelas e do subúrbio discutam ideias, projetos, negócios, aprendam técnicas de marketing e gestão financeira, aprendam a desenhar um *business plan*; foi feita para que a costureira Maria das Neves e seu vizinho de infância, Veludo, um faz-tudo pós-moderno, aprendessem a gerir melhor seu negócio; para que Geovane, fotógrafo de eventos que também faz book de modelos, abrisse seu estúdio na favela; para que um carrinho de vendas de salgados e sorvetes fosse desenvolvido para a Valesca Xique-Xique, da marca Dolce Famiglia.

Além do ativismo, Dinho pode se vangloriar de sua deliciosa e surpreendente contribuição literária. Um autor novo, enfim, com um olhar sarcástico sobre a sociedade carioca, como Braz; crítico como Quaresma; irônico como João Miramar; que subverte a língua como Riobaldo.

Alô, alô, rapaziada. Sangue novo na literatura brasileira. Biscoito finíssimo.

MARCELO RUBENS PAIVA e SILVIA FEOLA

Filho da Deise

“Para, senão tu vai acabar que nem o filho da Deise.”

Minha mãe dizia.

Durante anos, e nem lembro se era Deise ou Shirley (pronuncia Chirlêi), o filho da Shirley, ou Deise, era o limite ético e moral da vida.

Nenhum homem, em sã consciência e no domínio de suas faculdades, ousaria cruzar a linha que o separava de parecer o filho de sua própria mãe e se tornar como o filho da Deise.

Isso e “não matarás” tinham o mesmo peso.

Agora: eu não sei quem era o filho da Deise. Juro.

As histórias sobre ele eram muitas, e novas surgiam a cada dia.

Que o filho da Deise pichou um muro.

Que o filho da Deise comprou ovo fiado no Seu Freitas e não pagou.

Que o filho da Deise tava roubando as mochila no recreio.

Que o filho da Deise pintou a unha.

Que o filho da Deise mandou reinstaurar o AI-5.

Que o filho da Deise tiveram que jogar água morna nele pra separar da Márcia, porque eles tavam de libidinagem e ficaram grudado.

Que o filho da Deise tinha recebido Satanás.

Ou pior:

Que Satanás tava incorporado no filho da Deise.

Eu te juro, se vi o filho da Deise, foi de relance, e nem quis saber de ficar ali no pátio da escola, por razões de: o filho da Deise.

Ele ia passar a mão no íntimo da minha bunda (na época eu não falava cu), e beijar a minha boca, e depois comer minha merenda. Ou beijar minha merenda, passar a mão na minha boca e comer meu cu. Ou beijar meu cu, passar minha boca na minha merenda e beijar meu cu de novo. E antes de ir embora, passar a mão no íntimo da minha bunda mais uma vez, de unha pintada, só pra marcar.

Eu tinha 10 anos, e imagino que essa frase tenha sido o principal recurso pedagógico, senão o único, que minha mãe precisou empregar na minha infância e pré-puberdade. Na verdade, se ela ainda me dissesse algo hoje, e nessa surgisse uma advertência sobre ficar igual ao filho da Deise, eu ainda ficaria um tanto tenso.

Durante anos, pensei sozinho e imaginei que futuro terrível levava o filho da Deise. Pintando unha, roubando mochila, furunfando com as pessoas de maneira tão intensa que só aguarrás desgruda, isso daria onde?

Quando mudaram as tomadas pra 3 pinos?
Filho da Deise.

Quando mudaram as linhas de ônibus do Rio pra TRONCAL?
Filho da Deise.

O açúcar custando 5,75 no Prezunic?
Filho da Deise.

O filho da Deise pode estar em qualquer lugar hoje e eu não sei.

Sei que ele deve ter vivido mais que eu, com certeza.
Pintar a unha, rapaz, com 10 anos. Coragem.

No fundo, eu queria ter sido o filho da Deise, se ele resumia toda a subversão possível aos 12 anos.

Filho da Deise foi o primeiro gótico suave.

Ou é o rei da pombagirice, e, nesse caso, estaria mais para Eduardo Paes (favor conferir no Google se a mãe dele se chama Deise), ou é um cara megadescolado, beesha rainha máxima, rapper, estilosa, fala alemão e os caralho, não perde tempo em Facebook que ela mora na Bélgica e lá todo mundo vive a real life.

Nunca vou saber.

Na verdade, nunca confessei isso pra minha mãe,
eu também nunca soube quem era a Deise.

Mirabel

É simples.

Pontuar algo no tempo dá uma sensação de ordem, de começo.

Vou pontuar algumas coisas aqui.

Eu tinha 8 anos quando minha mãe me deixou sair pelas ruas do bairro pra brincar na praça, andar de bicicleta e empreender outras atividades perturbadoras da ordem e da paz social, como, de maneira não programada, mas ESTRANHAMENTE recorrente,

chutar a bola na janela da dona Regina, geralmente aberta, o que amplificava o potencial desagregador da paz que a bola trazia consigo, que, após rápida entrada na sala, frequentemente registrava um barulho;

e algum objeto de vidro CAINDO SOBRE OUTRO OBJETO DE VIDRO.

Preste atenção:

as donas de casa daquele tempo tinham desenvolvido uma verdadeira fixação por jarros de flores de vidro sobre mesinhas de centro de vidro — o vidro era o ápice do sistema capitalista, o domínio do homem sobre a areia, o avô do MDF, um deboche suburbano aos objetos caríssimos de design criados por Cildo Meireles,

se ele fazia uma mesa de centro vermelha em protesto ao Figueiredo, dona Regina usava um cinzeiro roxo de vidro cuja

mensagem intrínseca era mais ou menos: “deixa eu te amar, faz de conta que te dou dinheeeeeeeeeeeeeiro...”.

CADA UM COM SUA PAUTA, fi. Tu aí, todo politizado, dona Regina bizuntando Amarula nas coxas para curtir uma sexta-feira pure love com Jurandir, seu atual marido, trocador na linha 678. Longa história.

E é por isso que quebrar o cinzeiro ou a mesinha de centro dava uma merda like ACABOU O CRACK?!! na boca às 11 da noite.

Já fui conduzido COERCITIVAMENTE inúmeras vezes por dona Regina até o Supremo Tribunal do Caralho Fudeu, presidido pela minha mãe, que aplicava penas duras, verdadeiros retrocessos na disputa democrática, tais como:

Não vai ter Bozo hoje.

Dos 5 aos 9 anos, Bozo foi meu verdadeiro Deus. Pense na violação de direitos humanos que isso representava.

O mundo, meu amigo, não é apenas injusto, ele é devorador de destinos. Quando eu soube, aos 13 anos, que existia ONU, pensei em escrever pra eles, denunciando a opressão que sofrera, e sabia que isso seria recebido mundialmente, tanto quanto a reclamação que fiz à antiga TV Manchete, quando parou de transmitir o desenho animado do Jackson 5.

Eu peguei 3 FICHAS de orelhão — 3 fichas era ostentar — e liguei, aos 9 anos, para um telefone da Manchete Rio que achei nas Páginas Amarelas, e falei com uma moça.

— TV Manchete, bom dia.

— Oi. É daí que passa o desenho do Jackson 5?

Silêncio.

- É sim, o que podemos fazer por você?
- Você sabia que parou de passar?
- O desenho?
- É.
- Nossa. Que triste.
- Pois é! Fala aí com eles, você pode me ajudar? Deixa avisado pra eles que eu gosto do desenho, pô. Tem que continuar.
- Claro, um instante, vou anotar.
- Tá.
- Qual era o horário do desenho?
- Era de tarde.
- Hmm. De tarde. E você gosta do Michael Jackson?
- Gosto. Ele é legal, né? Tenho uma sapatilha igual à dele que minha mãe comprou.
- Olha! Aquela pretinha?
- Isso! Você tem?
- Não. Poxa. Queria muito uma dessas.
- Mas depois você compra, em Madureira tem. Você vai em Madureira? Tem muito artista aí? Você já viu o Michael Jackson?
- Ele, ele pessoalmente, não. Mas já vi artista. Eu vou em Madureira comprar uma sapatilha. Aí nós dois vamos ter. Tá?
- Tá.
- Então, já anotei. Vamos aguardar, né?
- É. Tomara que volte. Eu queria muito.
- Isso. Mas você falando assim, eu acho que volta.
- :D :D :D
- Obrigado por falar conosco.
- Tchau, moça!

Pontuando, porque era isso que eu queria dizer, minha mãe me deixou sair na rua, não lembro o dia nem o ano, mas era na época em que o wafer Mirabel dominava o mercado mundial

dos biscoitos, acho que em todo o universo. Então, comecei a explorar as ruas com um Mirabel na mão.

O pacotinho passava horas na minha mão, era do tamanho de um smartphone.

la eu, gorditcho, pelas ruas, cabelo todo desgrenhado, com meu Mirabel. Cena muito parecida com a que observo daqui, desse buteco em Botafogo, 33 anos depois. Mas o guri no outro lado da rua não tá com um Mirabel. É um iPhone.